

A CRIAÇÃO RESTAURADA

ALBERT M. WOLTERS

A CRIAÇÃO RESTAURADA

A BASE BÍBLICA DA
COSMOVISÃO REFORMADA

2ª EDIÇÃO



A criação restaurada, de Albert M. Wolters © 2006 Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente em inglês com o título *Creation regained* © 1985 por Wm. B. Eerdmans Publishing Co. 2140 Oak Industrial Drive N.E., Grand Rapids, Michigan 49505. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 2006 – 3.000 exemplares

2ª edição 2019 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial

Antônio Coine
Carlos Henrique Machado
Cláudio Marra (*Presidente*)
Filipe Fontes
Heber Carlos de Campos Jr
Marcos André Marques
Misael Batista do Nascimento
Tarcízio José de Freitas Carvalho

Produção Editorial

Tradução
Denise Meister
Revisão
Claudete Água de Melo
Marcos Leonardo Paixão da Silva
Sandra Dantas Lima
Editoração e Capa
OM Designers Gráficos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sueli Costa CRB-8/5213

W868c Wolters, Albert M.
 A criação restaurada / Albert M. Wolters; tradução
 Denise Meister. – São Paulo : Cultura Cristã, 2019.
 112 p.
 Título original: *Creation regained*
 ISBN 978-85-7622-874-5

1. Cosmovisão bíblica I. Meister, Denise II. Título

CDU-230.1

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Para Alice,
sine qua non

SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i>	9
<i>Nota do autor</i>	11
Capítulo 1	
O que é uma cosmovisão?	13
Capítulo 2	
Criação	24
Capítulo 3	
Queda	58
Capítulo 4	
Redenção.....	71
Capítulo 5	
Discernindo estrutura e direção	86
<i>Conclusão</i>	111

AGRADECIMENTOS

Este pequeno livro surgiu do meu ensino no Institute for Christian Studies em Toronto, Canadá, e se deve bastante à minha interação com os alunos do penúltimo ano, aos quais agora cordialmente agradeço. Ele nunca teria alcançado a forma final escrita sem o apoio e a ajuda de Bob e Mark Vander Vennen, aos quais também expressei minha sincera gratidão. A influência do pai foi reforçada pela do filho. O que eu devo à minha esposa, Alice, é mais bem expresso na dedicação desta obra a ela, com todo o meu amor.

NOTA DO AUTOR

Para os leitores interessados nos temas levantados nestas páginas, recomendo *All of Life Redeemed: Biblical Insight for Daily Obedience*, de Bradshaw Frey et al. (Jordon Station, Ont.: Paideia Press, 1983), e *The Transforming Vision*, de Richard Middleton e Brian Walsh (Downer's Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1984),* duas boas obras introdutórias. Para um estudo mais aprofundado, recomendo o clássico de Herman Dooyeweerd, *Roots of Western Culture: Pagan, Secular, and Christian Options* (Toronto: Wedge, 1979).**

* Publicado no Brasil sob o título *A visão transformadora* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010).

** Publicado no Brasil sob o título *Raízes da Cultura Ocidental: As opções pagã, secular e cristã* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2015).

CAPÍTULO 1

O QUE É UMA COSMOVISÃO?

Este livro é uma tentativa de explicar o conteúdo de uma cosmovisão bíblica e o seu significado para a nossa vida enquanto buscamos ser obedientes às Escrituras. As ideias que formam essa cosmovisão não são minhas. Elas vêm de uma longa tradição de reflexão cristã na Escritura e na nossa perspectiva geral do mundo, uma tradição arraigada na própria Escritura. Alguns dos seus mais proeminentes representantes são os pais da igreja Irineu e Agostinho, bem como os reformadores Tyndale e Calvino.

Essa cosmovisão escriturísticamente instruída é, às vezes, chamada de “reformada”, por causa da Reforma Protestante que redescobriu o ensino bíblico a respeito da profundidade e da extensão do pecado e da redenção. O desejo de viver apenas segundo as Escrituras, em vez de segundo estas e a tradição, é uma marca dos reformadores. Nós seguimos os seus caminhos nessa ênfase, assim como no desejo de uma reforma contínua, no desejo de ser “re-formados” continuamente pelas Escrituras (ver At 17.11; Rm 12.2), em vez de viver de acordo com tradições não comprovadas.

Ao entrar no século 20, a reflexão reformada sobre cosmovisão adquiriu uma forma distinta, que pode ser vista especificamente na obra de líderes holandeses como Abraham Kuyper, Herman Bavinck, Herman Dooyeweerd e H. T. Vollenhoven. Suas contribuições para um entendimento mais claro e profundo da cosmovisão bíblica têm sido sancionadas pela teologia, pela filosofia e por outras disciplinas acadêmicas, e especialmente pelas ações sociais e culturais que surgem de um desejo profundo de obedecer às Escrituras em todas as áreas da vida e do serviço.

O termo *cosmovisão* surgiu na nossa língua como tradução do alemão *Weltanschauung*. Ele tem a vantagem de ser distinto de “filosofia” (pelo menos no uso alemão) e de ser menos problemático do que a expressão “cosmovisão e vida”, favorecida pelos neocalvinistas (provavelmente seguindo um uso tornado popular pelo filósofo alemão Dilthey). Um sinônimo aceitável é “perspectiva de vida” ou “visão confessional”. Podemos também falar vagamente sobre os “princípios” e “ideais” de uma pessoa. Um marxista o chamaria de “ideologia”; a expressão que prevalece na ciência secular social atual é provavelmente “sistema de valores”. Esses termos não são aceitáveis porque têm conotações de determinismo e relativismo que revelam uma cosmovisão inaceitável.

Para os nossos propósitos, *cosmovisão* será definida como “a estrutura compreensiva da crença de uma pessoa sobre as coisas”. Olhemos mais de perto os elementos dessa definição.

Em primeiro lugar, “coisas” é um termo deliberadamente vago que se refere a qualquer coisa sobre a qual é possível ter uma crença. Eu a estou tomando no sentido mais abrangente possível, englobando o mundo, a vida humana em geral, o significado do sofrimento, o valor da educação, a moralidade social e a importância da família. Até mesmo Deus, nesse sentido, pode ser incluído nas “coisas” sobre as quais temos crenças básicas.

Em segundo lugar, uma cosmovisão diz respeito às *crenças* de uma pessoa. As crenças são diferentes de sentimentos ou de opiniões porque fazem uma “reivindicação cognitiva”, isto é, pressupõem algum tipo de conhecimento. Eu posso dizer, por exemplo, que “creio” na instrução como um caminho para a felicidade. Isso significa que eu estou afirmando algo sobre o modo como as coisas são, qualquer que seja o caso. Eu estou disposto a defender essa crença com argumentos. Os sentimentos não pressupõem conhecimento nem podem ser discutidos.

As crenças não são nem opiniões nem hipóteses. Com certeza, às vezes usamos a palavra *crença* de modo atenuado (“Creio que Johnny chegará tarde de novo hoje à noite”), mas nesse caso a palavra não tem sentido de “credo”, uma crença *compromissada*, algo pelo qual estejamos dispostos não apenas a argumentar, mas também a defender ou promover à custa de dinheiro ou resistência à provação. Por exemplo, pode ser minha crença que a liberdade de expressão seja um direito inalienável da sociedade humana, ou que ninguém deva

impor a sua religião a outra pessoa. Sustentar uma crença pode exigir um sacrifício da minha parte ou fazer com que eu tenha de suportar desprezo ou insultos caso eu acredite em uma ideia não ortodoxa ou impopular – por exemplo, que as prisões deveriam tanto punir quanto reabilitar, ou a de que a livre iniciativa é o flagelo da nossa sociedade. Isso tem a ver com as *convicções* de uma pessoa.

Em terceiro lugar, é importante observar que as visões de mundo se referem às crenças *básicas* sobre as coisas. Elas dizem respeito às questões fundamentais com as quais somos confrontados; envolvem princípios gerais. Posso dizer que tenho uma crença segura de que os Yankees ganharam a World Series de 1956;* estou tão certo disso a ponto de querer fazer uma aposta, mas essa crença não constitui uma cosmovisão. É diferente de questões morais profundas: a violência pode ser aceitável em certos casos? Existem normas permanentes para a vida humana? Há um objetivo no sofrimento? Sobrevivemos à morte?

Finalmente, as crenças básicas que alguém sustenta sobre as coisas tendem a formar uma *estrutura* ou *padrão*: de certo modo, elas têm uma unidade. Essa é a razão pela qual os humanistas frequentemente falam de “sistema de valores”. Todos nós reconhecemos, pelo menos num certo grau, que devemos ser consistentes nas nossas visões se queremos que nos levem a sério. Não adotamos um grupo arbitrário de crenças básicas sem coerência ou aparência de consistência. Algumas crenças básicas entram em conflito com outras. Por exemplo, a crença no casamento como uma ordenança de Deus não condiz com a ideia do divórcio fácil. A convicção de que o cinema e o teatro são essencialmente “entretenimentos mundanos” não é consonante com o ideal cristão de artes. A crença otimista no progresso histórico é difícil de ser harmonizada com a crença na depravação do homem.

Isso não é o mesmo que dizer que as visões de mundo nunca são internamente inconsistentes – muitas são (de fato, a inconsistência pode ser uma das coisas mais interessantes numa cosmovisão) –, mas permanece verdadeiro que a característica mais importante das visões de mundo é a tendência à coerência, ao padrão; mesmo as suas inconsistências tendem a cair em padrões claramente reconhecíveis.

* World Series: campeonato anual de beisebol dos Estados Unidos (N. do T.).

Além disso, a maioria das pessoas não admite uma inconsistência na sua cosmovisão, mesmo quando esta é óbvia a outros.

Presumimos até agora que todos nós temos alguma cosmovisão. Isso, de fato, é verdade? A maioria das pessoas, com certeza, não saberia dizer qual é a sua cosmovisão, e teria ainda mais dificuldade de responder a perguntas sobre a estrutura de suas crenças básicas. Porém, suas crenças básicas emergem rápido o suficiente quando elas são confrontadas com situações práticas, com os temas políticos atuais ou com convicções que são incompatíveis com as delas. Como elas reagem ao serviço militar obrigatório, por exemplo? Qual é a resposta delas ao evangelismo ou à contracultura, ao pacifismo ou ao comunismo? Que palavras de condolência elas oferecem à beira da sepultura? A quem elas culpam pela inflação? Quais são as opiniões delas sobre o aborto, a pena de morte, a disciplina na criação dos filhos, o homossexualismo, a segregação racial, a inseminação artificial, a censura, o sexo extraconjugal, e temas semelhantes? Todos esses temas fazem surgir respostas que oferecem indicações sobre a cosmovisão de uma pessoa ao sugerir certos padrões (“conservador” ou “progressista” são os padrões mais toscos e precários que a maioria reconhece). Todos, assim, têm uma cosmovisão, por mais inarticulados que sejam ao expressá-la. Ter uma cosmovisão é simplesmente parte de ser um humano adulto.

Qual é o papel que a cosmovisão desempenha na nossa vida? Creio que a resposta a isso seja: a nossa cosmovisão atua como um *guia para a nossa vida*. Uma cosmovisão, mesmo quando é meio inconsciente e inarticulada, atua como uma bússola ou um mapa. Ela nos orienta no mundo em geral, nos dá uma noção do que é positivo ou negativo, do que é certo ou errado na confusão de acontecimentos e fenômenos que nos confrontam. Nossa cosmovisão molda, a um grau significativo, o modo como valorizamos os acontecimentos, os temas e as estruturas da nossa civilização e do nosso tempo. Ela nos permite “classificar” ou “situar” os vários fenômenos que entram no nosso raio de visão. Não há dúvida de que outros fatores exercem influência nesse processo de orientação (interesse pessoal econômico ou psicológico, por exemplo), mas não eliminam o papel orientador da cosmovisão de uma pessoa; eles frequentemente exercem a sua influência precisamente *via* nossa perspectiva de vida.